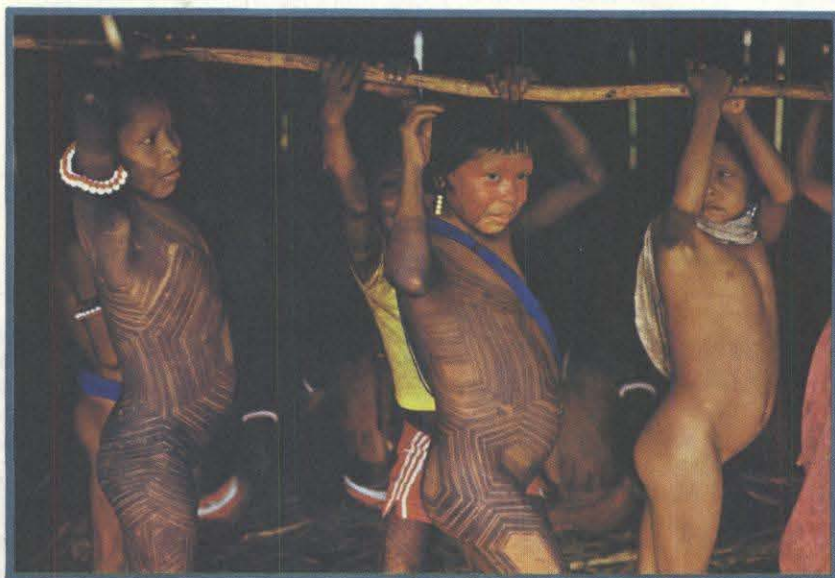
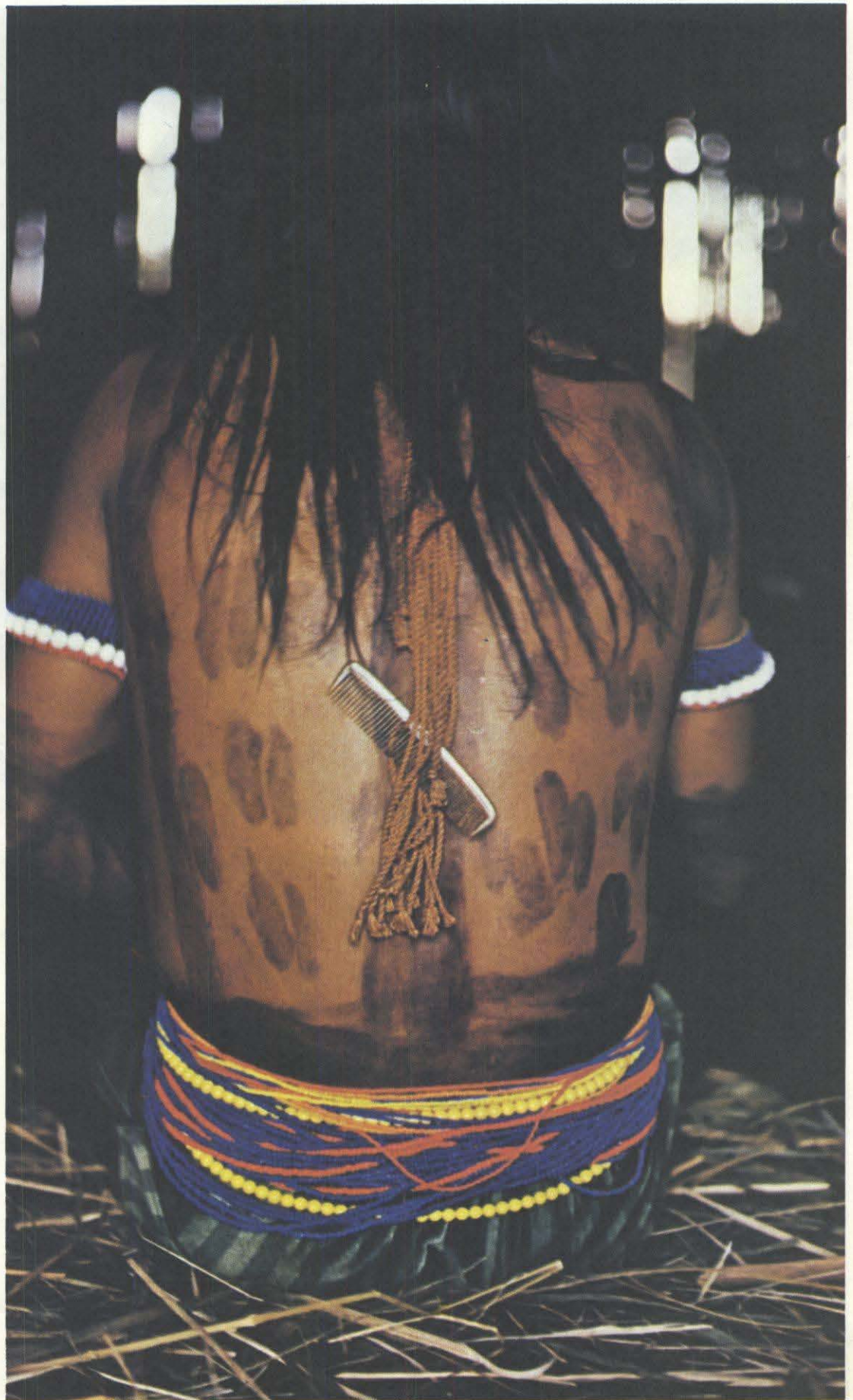


FESTA DE VALENTES

por Ricardo Malta/F4



Não se sabe dizer há quanto tempo os índios caiapó, da mesma família dos txucarramãe, evocam da força do jabuti o espírito de luta que se espera de seus descendentes. De dois em dois anos o ritual se repete e neste início de 87 teve um convidado atento por trás de uma máquina fotográfica. Ricardo Malta, da Agência F4, registrou o colorido da Festa do Jabuti. Tudo muito bonito não fosse a tensão que mantém assustada a comunidade txucarramãe, concentrada na área sagrada do Capoto — reserva do Xingu — para fugir do percurso da estrada BR-080. Um motivo a mais para se evocar o espírito de luta dos índios no ritual que é preparado durante um mês de caça a quase uma centena de jabutis e de confecção de adornos para a festa. No momento, alto da celebração, os pequenos da tribo são batizados com o nome de um antepassado. "É uma maneira da gente não esquecer quem nós somos", explica o cacique Raoni.



Os índios gastam dias na pintura do corpo, feita com urucum e jenipapo, e na confecção de cintos e braçadeiras de contas. Ao final da festa cantam e dançam três dias e noites seguidas. A Festa do Jabuti é vetada às mulheres, menos à "madrinha", que carrega o bebê batizado



O pequeno homenageado permanece um mês enfeitado com cocares, participando de todas as comemorações de sua comunidade. Manter a cabeça raspada, o rosto pintado e cobrir-se de colares e brincos são sinais de beleza em qualquer época do ano para os txucarramães